

EVOLUÇÃO DE RARO CISTO ESPLÊNICO FETAL E PÓS-NATAL ACOMPANHADO POR EXAME DE IMAGEM

Vhiringea Helena de Oliveira Staut Federle¹, Eduardo de Oliveira Ambrosio², Marcelo Wilot Hettwer³, Mirella Ferraz Coutinho⁴, Luciana C Longo e Pereira⁵.

1 - Universidade Municipal de São Caetano do Sul - Bela Vista - São Paulo, SP - Brasil.

2 - Hospital Municipal Mario Gatti - Campinas, SP - Brasil.

3 - Universidade Municipal de São Caetano do Sul - Bela Vista - São Paulo, SP - Brasil.

4 - Universidade Nove de Julho - Vergueiro - São Paulo, SP - Brasil.

5 - Departamento de Medicina Fetal, Fleury Medicina e Saúde - São Paulo, SP - Brasil.

Email: vhistaut@hotmail.com

RESUMO

O trabalho aborda a raridade dos cistos esplênicos, apresentando uma revisão histórica desde sua descrição inicial por Andral em 1829 até estudos mais recentes. Define os cistos esplênicos como parasitários ou não parasitários, com estes últimos divididos em verdadeiros e pseudocistos. O objetivo desse estudo de caso é descrever um caso incomum de cisto esplênico verdadeiro, não-parasitário, acompanhando sua evolução por meio de exames de imagem intrauterinos e pós-natal. O caso foi acompanhado por ultrassonografia gestacional com dopplervelocimetria colorida desde a detecção do cisto com 22 semanas até o nascimento com 38 semanas e 2 dias. Durante o acompanhamento fetal, observou-se variação no tamanho do cisto, com hipótese diagnóstica confirmada no pós-nascimento por meio de ultrassonografia. Conclui-se que a ultrassonografia pré-natal é crucial para detectar anomalias, permitindo intervenções precoces quando necessário, e que o acompanhamento regular é essencial para avaliar complicações potenciais e determinar a necessidade de intervenção cirúrgica em casos sintomáticos ou de grande tamanho de cistos esplênicos.

Palavras-chave: Baço; Cisto; Feto; Ultrassonografia Doppler.

INTRODUÇÃO

Os cistos esplênicos são achados raros, presentes em aproximadamente 0,07% da população (Andral, 1829). Eles foram descritos pela primeira vez por Andral em 1829, e desde então, têm

sido objeto de estudo devido à sua natureza incomum e potenciais implicações clínicas. Robbins et al. (1978) realizaram uma revisão abrangente de autópsias, encontrando apenas 32 casos positivos em 42327 autópsias realizadas ao longo de anos. Até 2014, apenas 800 casos foram relatados na literatura inglesa (Ingle et al., 2014).

Os cistos esplênicos podem ser classificados por sua origem como parasitários ou não parasitários. Os não parasitários, em particular, podem ser verdadeiros ou pseudocistos. Os verdadeiros são revestidos por epitélio e geralmente são congênitos, representando apenas 10% dos casos, enquanto os pseudocistos não são revestidos e estão associados a traumas (Morgenstern, 2002).

O objetivo desse relato de caso é descrever um caso incomum de cisto esplênico verdadeiro, não parasitário, acompanhando sua evolução por meio de exames de imagem intrauterinos e pós-natais.

METODOLOGIA DO ESTUDO DE CASO

1. Seleção dos Participantes:

- Para esse Estudo de Caso, foi selecionada uma gestante de 37 anos, secundigesta, sem fatores de risco ou comorbidades prévias, consentindo o registro de seus exames pré-natais. O acompanhamento observacional foi realizado para investigar a evolução de um feto do sexo masculino após a evidência de um cisto esplênico em uma ultrassonografia com dopplervelocimetria realizada com 22 semanas gestacionais.
- Foi feita a investigação dos exames gestacionais da primeira filha do casal, ambos sem comorbidades conhecidas e ela não apresentou nenhuma anormalidade.

2. Acompanhamento Pré-natal:

- A gestante foi submetida a exames de ultrassonografia com dopplervelocimetria gestacional em intervalos regulares durante o pré-natal, conforme recomendado pelas diretrizes clínicas.

3. Registro dos Exames de Ultrassonografia:

- Todos os exames de ultrassonografia gestacional foram registrados e documentados por um profissional qualificado. Foi dada atenção especial à identificação de quaisquer anormalidades, incluindo cistos esplênicos, a partir de 26 semanas e seis dias de gestação.

4. Identificação dos Cistos Esplênicos:

- Os cistos esplênicos foram identificados nos exames de ultrassonografia gestacional e documentados em momentos específicos durante a gestação:

- Primeira detecção com registro: Com 26 semanas e seis dias de gestação.
- Segundo registro: Com 31 semanas e três dias de gestação.
- Terceiro registro: Com 33 semanas e três dias de gestação.
- Quarto registro: Com 37 semanas e três dias de gestação.

5. Confirmação no Dia do Nascimento:

- Um exame de ultrassonografia foi realizado após o nascimento, com 38 semanas e dois dias para confirmar a presença dos cistos esplênicos no feto após o parto.

6. Consentimento e Ética:

- Todos os procedimentos foram realizados de acordo com os padrões éticos e legais, com consentimento informado obtido da gestante participante.

7. Análise e Interpretação:

- Os resultados dos exames de ultrassonografia foram analisados e interpretados por profissionais qualificados, levando em consideração as diretrizes clínicas e a literatura científica relevante.

8. Acompanhamento Pós-natal:

- Em caso de detecção de anormalidades, o paciente seria encaminhado para acompanhamento pós-natal adequado, conforme necessário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o acompanhamento fetal por ultrassonografia gestacional com dopplervelocimetria colorida, houve a hipótese diagnóstica da lesão se tratar de cisto esplênico devido sua topografia, sendo descrito como simples, de paredes finas e regulares, conteúdo anecoico, sem fluxo sanguíneo detectável ao mapeamento com Doppler, localizado posteriormente à bolha gástrica, apresentando variações de diâmetro de 6 mm inicialmente com 22 semanas intrauterinas e chegando a medir 9 x 8 mm com 33 semanas intrauterinas.

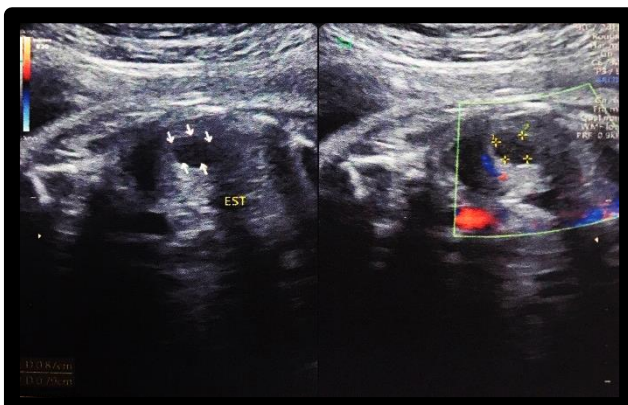
Pós nascimento corroborou-se a hipótese diagnóstica após exame ultrassonográfico detectando uma imagem cística, ovalada, de conteúdo predominantemente anecoico com finos ecos em suspensão, produtora de reforço acústico posterior, de paredes regulares, sem vascularização ao estudo do Doppler medindo 7 x 4 x 6 mm, neste caso sendo indicado acompanhamento regular através de exames de imagem para verificar sua evolução.



1. Figura 1 - USG intrauterina com Idade gestacional (IG) de 26 semanas e 6 dias. Circunferência Abdominal: 238 mm. Medida do Cisto: 8 x 7 mm.



2. Figura 2 - I.G. 31 semanas e 3 dias. Circunferência Abdominal: 307 mm. Medida do Cisto: 8 x 7 mm.



3. Figura 3 - I.G. 33 semanas e 3 dias. Circunferência Abdominal: 327 mm. Medida do Cisto: 9 x 8 mm.

REFERÊNCIAS

Andral, G. *Precis d'Anatomie Pathologique*. 1^a ed. Gabon, 1829.

Ingle, S. B.; Hinge, C. R.; Patrike, S. Epithelial cysts of the spleen: a minireview. *World Journal of Gastroenterology*, v. 20, n. 34, p. 11960-11969, 2014.

Morgenstern, L. Nonparasitic splenic cysts: pathogenesis, classification, and treatment. *Journal of the American College of Surgeons*, v. 194, n. 3, p. 306-314, 2002.

Robbins, F. G.; Yellin, A. E.; Lingua, R. W.; Craig, J. R.; Turrill, F. L.; Mikkelsen, W. P. Splenic epidermoid cysts. *Annals of Surgery*, v. 187, n. 2, p. 231-236, 1978.

Sarwal, A.; Sharma, A.; Khullar, R.; Soni, V.; Baijal, M.; Chowbey, P. Laparoscopic splenectomy for large splenic pseudocyst: A rare case report and review of literature. *Journal of Minimal Access Surgery*, v. 15, n. 2, p. 162-165, 2019.

Schlittler, L. A.; Dallagasperina, V. W. Cistos esplênicos não-parasitários. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, v. 37, n. 3, p. 235-240, 2010.

Werle, T. V.; Montoya, J. A. M.; Ferreira, G. A. Cisto esplênico em criança com dor abdominal recorrente: Relato de caso e revisão de literatura. *Residência Pediátrica*, v. 7, n. 3, p. 43-46, 2017.